

Uma das grandes promessas de Orestes Quérzia durante sua campanha ao governo do Estado era "uma melhor educação para os seus filhos, minha amiga e meu amigo". Entretanto, basta uma rápida passagem pelas mais de 5.600 escolas de São Paulo para se perceber que essa promessa não foi cumprida — e, segundo a própria Secretaria da Educação, ainda vai demorar muito para ser concretizada. Enquanto isso, alunos e professores vão convivendo com ratos, cobras, muito mato e até com alguns casos de risco de desmoronamento.

Segundo estimativas, pelo menos 70% das escolas públicas estão com problemas na sua estrutura física. O secretário da Educação, Chopin Tavares de Lima, não se atreve a contestar esse fato. E alguns de seus assessores garantem que serão precisos 130 milhões de OTNs — cerca de 74 bilhões de cruzados — para solucionar o problema nos próximos três anos. Mas, de acordo com o secretário, tudo isto é consequência "dos governos passados".

— No governo Maluf pouco se investiu, e no governo Montoro se pensou mais em construir novas escolas, deixando de lado a reforma dos prédios. Estamos enfrentando hoje a herança deixada por anos de abandono, e temos atacado a decrepitude dos prédios dentro do possível. Aliás, eles não só foram mal construídos como também mal conservados — afirma Tavares de Lima.

Mas essa situação, segundo o secretário, deve mudar, embora ele não arrisque uma data. Tavares de Lima diz que no governo Quérzia "muito já foi feito", referindo-se às 616 obras — 498 reformas de emergência e 118 reformas gerais e de adequação — realizadas e nas quais foram gastos Cz\$ 1.821.139.963,00.

Escolas de isopor

Os planos do governo Quérzia não param aí, garante o secretário. Para este ano está prevista a construção de mais 670 novas salas de aula, beneficiando cerca de 70 mil alunos. E também devem ser construídas mais 630 salas de emergência, sendo que 190 em novos terrenos e 440 em escolas já em funcionamento.

A notícia da construção de novas salas de emergência chegou a surpreender e assustar muitos professores, diretores de escolas e até mesmo prefeitos. É que as escolas de emergência que vinham sendo construídas eram feitas de chapas de madeira compensada, entremeadas por isopor. Há alguns dias, duas classes dessas escolas — instaladas em 1983, na cidade de Itapevi — desabaram com uma chuva e ventos fortes. Por causa da greve dos professores, ninguém morreu, mas dois alunos sofreram arranhões, além de um enorme susto.

— Esse tipo de construção não está sendo mais usado. Agora vamos levantar escolas de alvenaria, que vão sair pelo mesmo preço, em igual tempo de construção, e vão oferecer muito mais segurança. Entretanto, é preciso lembrar que essas classes, como o nome diz, são de emergência. São apenas uma forma de solucionar provisoriamente um problema. Mas devido à situação, são usadas às vezes por mais de 10 anos — admite Tavares de Lima.

O consenso na Secretaria da Educação é que o mais importante agora não é construir novas escolas, já que o aumento do número de alunos na rede é de apenas 4%, e sim reformar os prédios que existem e estão em péssima situação.

— Quando chegamos à Secretaria havia de tudo nos prédios das escolas até paredes que davam choques e perigo de desabamentos. Além disso, muitas obras iniciadas no governo Montoro estavam paralisadas, devido ao Plano Cruzado. Demos andamento a essas obras e definimos como prioridade a reforma das escolas — explica Tavares de Lima.

Com a continuidade do plano de obras de Montoro, Quérzia não construiu nenhuma escola para agilizar as reformas, segundo o secretário foram criadas as Unidades de Despesas — cada Delegacia de Ensino tem a sua, e a escola que precisar de qualquer reforma pede dinheiro a ela e espera para a liberação da verba para executar a reforma pedida. E as delegacias receberão dois caminhões, cada uma, que percorrerão as escolas realizando pequenas reformas elétricas, hidráulicas ou de marcenaria.

Situação crítica

— Muitas escolas fazem pedidos à Secretaria da Educação, mas até que esse pedido chegue o problema já aumentou inúmeras vezes. Essas mudanças que estamos idealizando vão simplificar muito a situação, pois eliminarão a burocracia, que prejudica muito o bom andamento das coisas — afirma Tavares de Lima.

A situação crítica em que vivem as escolas não chega a surpreender o secretário. Os casos mais absurdos que acontecem na rede pública de ensino lhe parecem normais, embora ele se esforce em prometer que "isso vai mudar".

Na Escola Estadual de Primeiro Grau "Didio da Silveira Baldy", em Sapopemba, o problema da falta de salas de aula foi resolvido. Entretanto, a escola — instalada num terreno de 12 mil m² dos quais apenas dois mil m² de área construída — vive um sofrimento constante com o matagal que existe em seu pátio. A diretora, Ivone Batista Oliveira, chegou a pedir ajuda pessoalmente ao secretário, que mostrou interesse pelo problema no ano passado. Algum tempo depois, uma agrônoma visitou a escola. Ela fez muitos planos, mas nada foi feito. Em novembro, Ivone teve que pagar Cz\$ 8.000,00 para que um homem cortasse o mato. Mas o matagal já está de volta, e agora não há dinheiro para cortar o mato, que serve de moradia para ratos e cobras.

— A Secretaria da Educação nos prometeu um jardim e estamos esperando. Alguns críticos dizem que será o Jardim da Babilônia. Não sei o que façam com toda essa área. Pedimos ajuda à Administração Regional, mas elas não fizeram nada — diz a diretora.

Moradores próximos ao colégio, que têm seus filhos lá matriculados, garantem que alguns alunos já foram mordidos por ratos. Além disso, a escola fica ao lado de uma favela, e "muitos marginalizados passam por dentro do colégio. A polícia nem aparece aqui", conta Maria Augusta, que reside ali perto.

O problema com os ratos também acon-

Geral

EDUCAÇÃO

Vamos conhecer as
escolas que Quérzia prometeu
para seus
"amigos e amigas" na
campanha eleitoral

16 MAR 1988

JORNAL DA TARDE

teceu na E.E.P.S. Grau "Aroldo de Azevedo", no Jardim Planalto. No ano passado, até uma professora foi mordida. Nessa escola — a maior da rede pública em área construída — se concentram uma infinidade de problemas. Faltam sanitários e é preciso fazer uma ampla limpeza na rede coletora. O único servente da escola tentou fazer esse serviço com a ajuda de sua mulher e ambos contraíram uma micose de pele. E mais: pessoas estranhas à escola utilizam a caixa d'água do prédio como piscina nos fins de semana.

Além disso, há rachaduras no edifício, e a caixa de força elétrica fica bem no meio do prédio, ao lado das salas de aula. Há denúncias de que para conseguir a aprovação da Eletropaulo para essa irregularidade, a escola se utilizou de um expediente pouco recomendável: o suborno. Duas pilhas de carteiras e cadeiras destruídas se amontoam nos jardins da escola, que está sumindo devido ao crescimento do mato. Este, por sua vez, leva para o interior do prédio o terror de professores e alunos — os ratos.

Mas na E.E.P.G. Jardim Vila Carrão, que fica na Cidade Satélite, os problemas começaram antes mesmo da escola ser inaugurada, com infiltração de água em seus alicerces. Ali não existem muitos ratos, pois eles são devorados por cobras, todas venenosas, como jararacas e jaracucu. Além das cobras também há escorpiões, que amedrontam os pedreiros que estão dando os últimos retoques na escola. Sua inauguração está prevista para o próximo dia 15, mas se comenta que será adiada.

A E.E.P.S.G. Antônio José Leite, na Vila Amália, também é uma recordista de problemas. O teto da escola corre o risco de desabar e as janelas e portas das classes estão quebradas. Tanto a parte elétrica como a hidráulica apresentam problemas. Há uma infiltração de água no sistema elétrico, o que pode provocar um curto-circuito, colocando em risco a segurança dos alunos.

Poucos funcionários

Tudo isso é comum em quase toda a rede pública do Estado, mas existem ainda os problemas dos funcionários. Muitas escolas têm poucos serventes e inspetores de alunos, o que obriga os professores a realizar as tarefas. Segundo a Secretaria da Educação, devem ser contratados ainda este ano cerca de 13 mil funcionários — diretamente pelas escolas e sem concurso — para suprir essa deficiência.

— Os planos do governo são muito bons no papel, mas na hora de colocá-los em prática a coisa fica diferente. A realidade que vivem nossas escolas está aí. Quem tem filhos matriculados nelas sabe muito bem o perigo que eles estão correndo. Até quando teremos que conviver com esses problemas? — perguntou um professor, que não quis se identificar com medo de represálias do governo.

Essa é uma pergunta difícil de ser respondida. Até mesmo Tavares de Lima afirma que não há resposta para ela. Assim, os alunos vão continuar recebendo bolachas na merenda escolar, convivendo com ratos e cobras, e circulando por banheiros que não funcionam em prédios que têm paredes das que dão choques elétricos.

Fernando Lancha

Em estudo, o lucro das escolas.

Apesar das queixas de pais de alunos quanto aos preços das mensalidades, as escolas particulares estão tendo um lucro baixíssimo. Esta foi a conclusão do relatório final da análise de custos elaborado por uma firma de consultoria e encomendada pelo Grupo Associação de Escolas Particulares, que abrange 48 colégios e mais de 60 mil alunos.

Esse primeiro estudo, chamado de "prévio" pelo diretor do Colégio Bandeirantes, Mauro de Sales Aguiar, faz uma análise de cinco escolas, divididas em pequenas, médias e grandes, do período de janeiro de 85 até junho de 87 — antes, portanto, do decreto do presidente Sarney que libera as mensalidades escolares.

Segundo o relatório, elaborado pelos professores Francisco Mazzucco e João Carlos Hopp, da Fundação Getúlio Vargas, durante esse período as escolas pequenas tiveram uma margem de lucro negativa de 5%, enquanto as médias, de 8%, e as grandes, de 7%. A possibilidade de essas escolas receberem suas mensalidades cerca de 20 dias antes de iniciarem seus pagamentos — e aplicarem o dinheiro, durante esse período, a uma taxa de juros igual à variação proporcional da OTN — foi o que lhes permitiu, segundo os professores, cobrir suas despesas, mas sem gerar lucros para os sócios ou para novos investimentos.

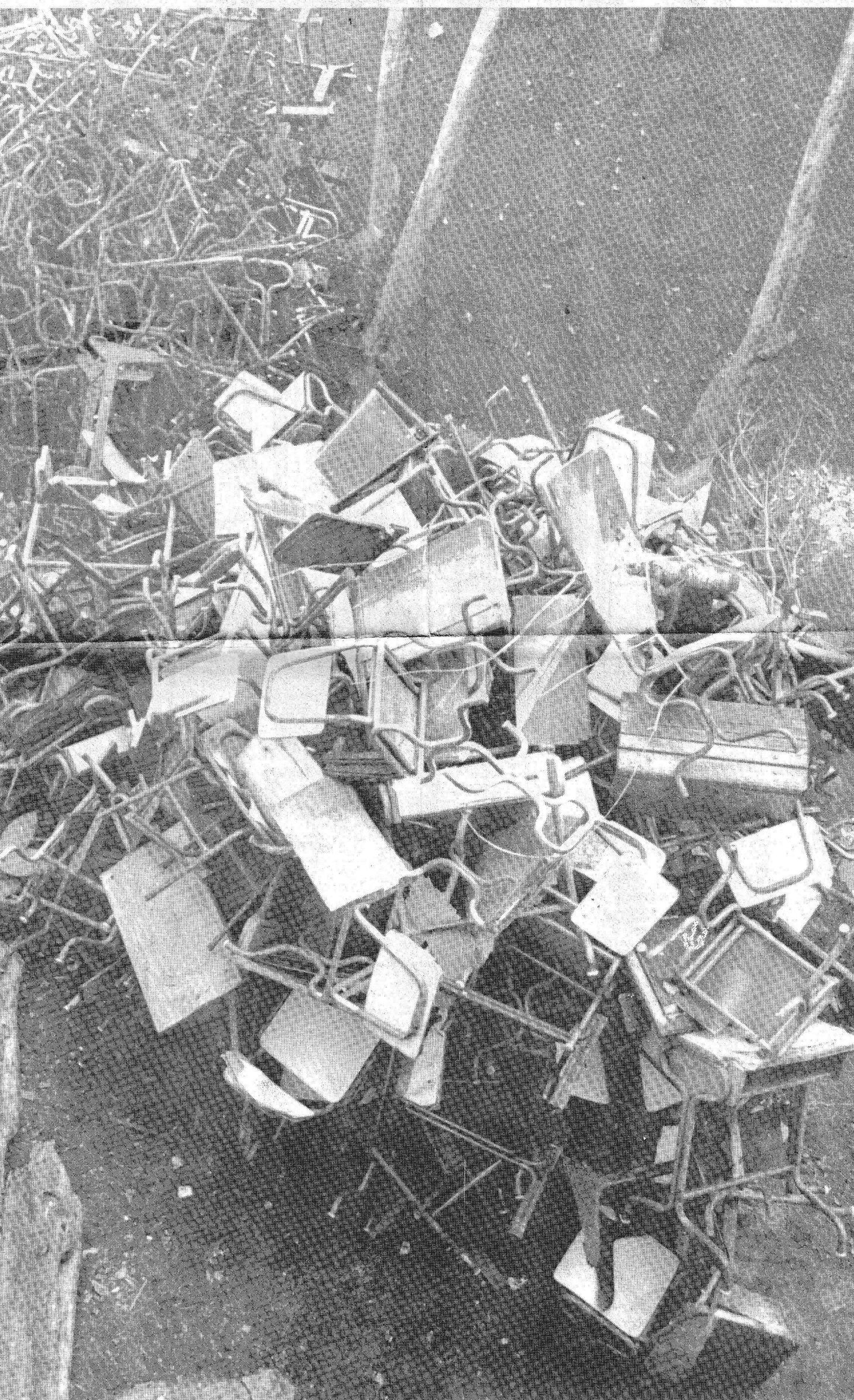
Nesse estudo prévio, foi usada a OTN como indexador de tudo que não fosse salário. No estudo que está sendo elaborado com as 48 escolas, e que deverá estar pronto em breve, serão usadas as taxas corretas —, avisa o diretor do Bandeirantes.

Segundo ele, essa análise inédita foi encomendada pelo Grupo para esclarecer como funcionam os custos escolares, e para rebater a "política demagógica" das autoridades públicas, como a Secretaria de Defesa do Consumidor, e de "todos os que acusam as escolas particulares de exploradoras".

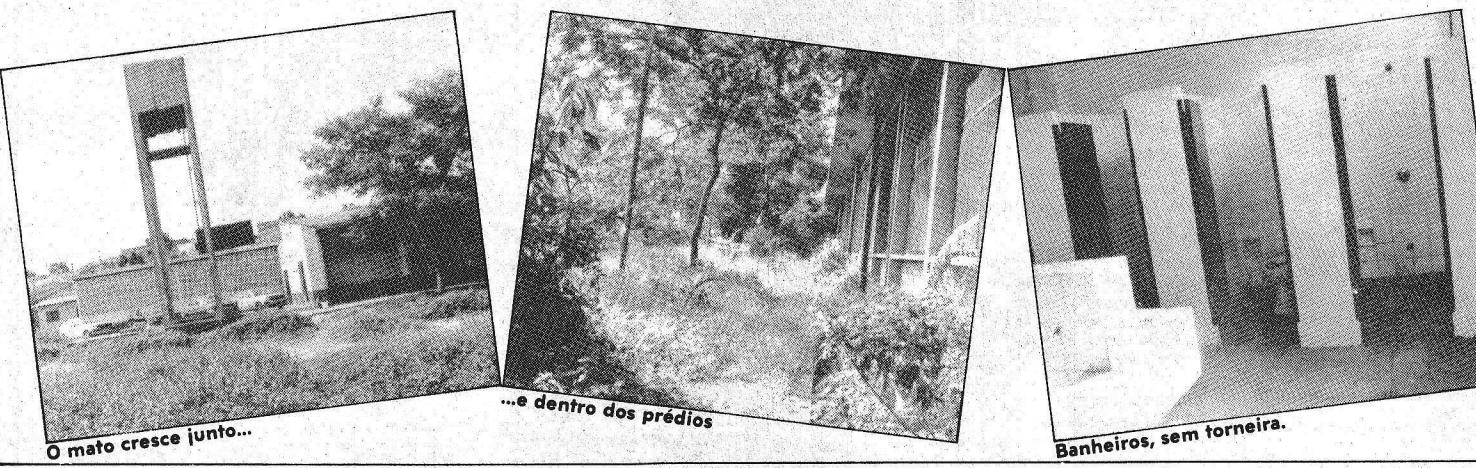
Um ensino personalizado e de bom nível, tem um custo maior. Não se pode nivelar uma mesma taxa de aumento para escolas com infra-estruturas diferentes, como estava sendo feito anteriormente. Uma boa escola só se faz com bons professores, que só permanecem na casa se forem bem remunerados —, conclui.

Na sala da diretoria do colégio, cinco monitores ligados a pontos estratégicos do prédio são uma das referências do padrão de que aquela escola dispõe, além de onze laboratórios — três de química, três de biologia, três de física e dois de informática. O salário mensal de um professor por 40 horas/aula — reajustado neste mês em 92% — também: Cz\$ 153.806,00. A mensalidade do 1º grau, entre a 5ª e a 8ª séries, e que também foi reajustada nesse mês (em 62%), é de Cz\$ 8.772,00, e a do 2º grau, de Cz\$ 11.709,00.

A liberação das mensalidades escolares coincidirá com o mês básico de aumento da categoria. Isso provocou um impacto que logo será absorvido pelos pais, uma vez que a partir dos próximos meses os reajustes serão de acordo com a URP. Uma coisa é certa: com ou sem liberdade de preços, se os 70% dos custos não puderem ser repassados para qualquer escola quebrará. Isso é matemática —, diz o diretor.



Nos pátios, o abandono do material escolar não recuperado.



...e dentro dos prédios

Banheiros, sem torneira.

jornal da tarde